

mercado coronavírus

Daniel Suskind

Automatização do trabalho é história da erosão da classe média

Professor de Oxford diz que, em um mundo com menos emprego, é papel do Estado distribuir renda e evitar o aumento de desigualdades

ENTREVISTA

Bárbara Blum

SÃO PAULO Na década de 1960, a preocupação econômica dominante traduzia-se na famosa frase do ex-ministro da Fazenda Delfim Netto: "Primeiro temos de fazer o bolo crescer para depois distribuí-lo".

No século 21, contudo, as preocupações parecem ser sobre como cortar as fatias, de que tamanho cortá-las — e, principalmente, quem vai abocanhá-las.

A distribuição de prosperidade é a preocupação central da obra do economista inglês Daniel Suskind. Em sua avaliação, a pandemia do novo coronavírus, diferentemente de pestes anteriores, aumentou a desigualdade, em vez de diminuí-la.

Essa preocupação se soma ao fato de o avanço tecnológico ser capaz de, em igual medida, aumentar a produtividade, ou seja, fazer o bolo crescer, e reduzir a oferta de trabalho, impactando a possibilidade de distribuir as fatias.

Com a crescente automatização que marca a entrada no século 21, cada vez mais funções antes inquestionavelmente humanas são realizadas por máquinas. O trabalho, que no século passado ocupou espaço central na distribuição de renda, não é mais um mecanismo confiável para a tarefa.

Suskind duvida que robôs venham a assumir todos os trabalhos de um dia para o outro, mas diz que a pandemia mostra como será um mundo com menos empregos — e o que precisa ser feito para reduzir as desigualdades que isso pode trazer.

O professor de economia em Oxford adicionou as preocupações com os impactos econômicos da Covid-19 à agenda de pesquisa, que contava com aspectos sociais e econômicos da automação e inteligência artificial como pontos centrais. Ele escreveu dois livros: "O Futuro das Profissões", de 2015, em parceria com o pai, o advogado Richard Suskind, traduzido pela editora portuguesa Gradiva, e "Um Mundo sem Trabalho", lançado em janeiro deste ano pela editora Porto Editora, também portuguesa.

O senhor afirma que a perda do trabalho para o avanço tecnológico sempre foi uma preocupação da humanidade, mas que não houve nenhum episódio de desemprego massivo causado pela tecnologia. Devemos parar de nos preocupar? Dia após dia recebemos notícias de máquinas fazendo atividades antes reservadas aos humanos: diagnósticos médicos, dirigir carros, arquivar prédios. Não estamos levando a sério as ameaças de um mundo sem trabalho.

Não acho que vá acontecer um big bang tecnológico do qual todos vão acordar desempregados. É menos radical do que imagens de robôs tomando todos os empregos, mas não menos significativo em termos de efeitos.



Divulgação/Suki Dhandia

Daniel Suskind

professor e pesquisador na faculdade de economia de Oxford (Balliol College in Oxford University), na Inglaterra. Ele já foi conselheiro político no governo britânico e analista de políticas públicas e escreveu dois livros, "O Futuro das Profissões" (Gradiva, 2019), em parceria com seu pai, o advogado Richard Suskind, e "Um Mundo sem Trabalho" (Porto Editora, 2020)

O senhor menciona uma proposta de um "big state", que inclui aumento de impostos sobre empresas e redistribuição de renda via Estado. O senhor enxerga essa proposta como uma versão atualizada para o século 21 do Estado de bem-estar social do século 20? O problema econômico fundamental que vamos encontrar em um mundo com menos trabalho é o de distribuição e desigualdade.

Hoje, o mercado de trabalho é a principal forma de distribuição de renda. Para a maior parte das pessoas, o emprego é a principal, se não a única, fonte de renda. Mas esse sistema começou a ruir. O desemprego tecnológico é a versão dessa história na qual algumas pessoas não recebem distribuição alguma.

Como dividir a prosperidade econômica se não podemos confiar no mecanismo tradicional de pagar pessoas por trabalho? Precisaremos confiar no Estado, no que eu chamo de "big state". É diferente do Estado de bem-estar do século 20 por não tentar controlar a produção, mas sim a distribuição. E as fundações do "big state", diferente

do Estado de bem-estar, não estão no trabalho. No momento, vivemos em um mundo com menos trabalho — não por causa de robôs, mas pela pandemia e pela crise econômica. E o que vemos ao redor do mundo são os Estados assumindo um papel bem maior do que pensamos ser possível.

O senhor coloca a peste e as duas Guerras Mundiais como pontos na história nos quais a desigualdade diminuiu. O senhor enxerga a pandemia como um momento de redução de desigualdade? No passado, as grandes desigualdades só foram reduzidas em desastres, mas o ponto mais preocupante da pandemia são as desigualdades.

No Reino Unido, os grupos mais impactados pela doença são os mais desfavorecidos economicamente. Empregados de "colarinho azul", com salários menores, ou precisam se expor ao vírus ou não puderam trabalhar. A narrativa de que a tecnologia permitiu que muitas pessoas trabalhassem remotamente é essencialmente do "colarinho branco", de médicos, escritores, advogados, arquitetos.

No livro o senhor fala sobre os trabalhos "de colarinho rosa". É um termo muito feliz para capturar a ideia de que os trabalhos menos suscetíveis à automação [enfermeiras, professoras de primário, cabeleireiras, empregadas domésticas, garçonetes] são desproporcionalmente feitos por mulheres.

Considerando o fator da baixa chance de automação nesses trabalhos, o sr. acredita que podem ganhar um novo valor social? Há um desencontro entre o valor social do que trabalhadores fazem e o valor que recebem na forma de salários. Os trabalhadores essenciais já eram essenciais havia tempo, não é como se a pandemia os tivesse tornado essenciais. Enfermeiras, assistentes sociais, cuidadoras... O valor social não era refletido nos salários. Não acho que a pandemia necessariamente signifique que essas trabalhadoras serão mais valorizadas, mas trouxe atenção para o problema.

Esses trabalhos envolvem interação humana, e isso é difícil de automatizar. O que me preocupa sobre a pandemia é que justamente por causa do caráter da interação que tra-

balhos assim sofrem grandes impactos. A curto prazo, por causa do vírus, a queda da demanda por empregos de interação social é preocupante.

A longo prazo, em um mundo com menos trabalho e sem a possibilidade da contribuição social pela via econômica, precisaremos entender conjuntamente quais trabalhos são importantes. Quando esse momento chegar, pode ser que haja uma valorização desses trabalhos.

Existe uma preocupação grande em relação à criação de sistemas de IA (inteligência artificial) que sejam tendenciosos e reproduzam preconceitos como sexismo e racismo. Em uma sociedade cada vez mais dependente da IA, os enviesamentos dificultam a transformação social? A preocupação com concentração de mercado e aumento de lucros por empresas já aparecia no século 20, mas, hoje, estamos cada vez mais preocupados com o poder político das grandes empresas e o impacto delas na liberdade, na democracia e na justiça social.

Vimos isso na pandemia. Privacidade e segurança de dados, como localização de celulares e histórico de gastos cartões de crédito, eram conversas importantes há seis meses e, agora, estão no segundo plano por causa da mentalidade de fazer o que for necessário para superar a crise.

Depois da pandemia, será necessário um grande trabalho para disputar o poder político com as grandes companhias tecnológicas. Precisamos criar uma instituição análoga às que lidam com monopólios para as big techs, mas formada por filósofos e cientistas políticos, para monitorar as grandes empresas.

O senhor acredita que a automatização de tarefas de rotina incide em alguma parcela social específica? A visão predominante na economia e na inteligência artificial era que era necessário que um humano explicasse a uma máquina como realizar as tarefas. Mas vemos cada vez mais tarefas que não são de rotina sendo automatizadas porque os sistemas são construídos de formas completamente diferentes do raciocínio humano. E o nível de qualificação que uma tarefa exige para um humano não está tão relacionado com a capacidade de automatização.

No mercado de trabalho dos EUA dos anos 1980 em diante, via-se um crescimento do trabalho altamente qualificado e do trabalho pouco qualificado. O meio do mercado foi capturado pela tecnologia porque as tarefas de rotina estavam lá. É uma história de erosão da classe média nas últimas décadas.

A implementação do "big state" exige uma grande mudança política. O senhor acredita que além disso seja necessário repensar o papel social e cultural do trabalho? Frequentemente é dito que o trabalho não é apenas uma fonte de renda, mas de significado e propósito quando a fonte tradicional disso não estiver mais disponível.

Uma das ideias do livro é mostrar que a relação entre trabalho e propósito não é tão evidente quanto pensamos. Hoje, muitas pessoas não têm senso de propósito no trabalho. Mas talvez, para algumas pessoas, o trabalho ainda seja importante e elas vão querer continuar a trabalhar. Talvez seja necessário criar trabalhos.

Sete das dez maiores empregadoras do mundo são instituições do Estado, então a ideia de que precisaremos criar trabalhos para as pessoas não é tão distante do que fazemos hoje. É difícil pensar em um mundo no qual o trabalho não



Hoje, o mercado de trabalho é a principal forma de distribuição de renda. Para a maior parte das pessoas, o emprego é a principal, se não a única, fonte de renda. Mas esse sistema começou a ruir. O desemprego tecnológico é a versão dessa história na qual algumas pessoas não recebem distribuição alguma

No mercado de trabalho dos EUA dos anos 1980 em diante, via-se um crescimento do trabalho altamente qualificado e do trabalho pouco qualificado. O meio do mercado foi capturado pela tecnologia porque as tarefas de rotina estavam lá. É uma história de erosão da classe média nas últimas décadas

O debate econômico da última década tem sido sobre quão austeros devemos ser. Na pandemia, esse debate saiu pela janela, porque a crise demandou a suspensão dessa razão econômica. E tenho a impressão de que vamos nos perguntar por que a crise anterior à pandemia, de moradia, de pobreza, de desigualdade, já não demandava essa suspensão

tenha a centralidade. Nesse sentido, a pandemia tem sido um experimento interessante. Existe uma discussão acontecendo sobre a melhor forma de aproveitar o ócio. No Reino Unido, tivemos falta de madeira, farinha e plantas. Todos decidiram virar marceneiros, padeiros e jardineiros. Temos uma noção do que é um emprego proveitoso, mas não do que é o desemprego proveitoso. Não sabemos como viver o ócio de forma proveitosa. A pandemia mostrou que isso é um desafio complexo.

O senhor acredita que a pandemia seja um momento de repensar políticas redistributivas de renda consideradas radicais? Sim. O debate econômico da última década tem sido sobre quão austeros devemos ser, quanto precisamos restringir os gastos. Na pandemia, esse debate saiu pela janela, porque a crise demandou a suspensão dessa razão econômica. E tenho a impressão, e a esperança, de que vamos nos perguntar por que a crise anterior à pandemia, de moradia, de pobreza, de desigualdade, também não demandava essa suspensão da razão econômica.